

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
CURSO DE LETRAS – BACHARELADO

Micheli Halm Chagas

**MARCAS LINGUÍSTICAS DE CORTESIA E/OU DESCORTESIA NO
TEXTO CONVERSACIONAL: UMA ANÁLISE INICIAL**

Santa Maria, RS
2017

Micheli Halm Chagas

**MARCAS LINGUÍSTICAS DE CORTESIA E/OU DESCORTESIA NO TEXTO
CONVERSACIONAL: UMA ANÁLISE INICIAL**

Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Bacharelado, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como pré-requisito para a obtenção do título de **Bacharela em Letras**.

Orientador: Prof. Dr. Gil Roberto Costa Negreiros

Santa Maria, RS
2017

Micheli Halm Chagas

**MARCAS LINGUÍSTICAS DE CORTESIA E/OU DESCORTESIA NO TEXTO
CONVERSACIONAL: UMA ANÁLISE INICIAL**

Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Bacharelado, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como pré-requisito para a obtenção do título de **Bacharela em Letras**.

Aprovado em 14 de julho de 2017:

Gil Roberto Costa Negreiros, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Rosaura Albuquerque Leão
(Avaliador)

Santa Maria, RS
2017

MARCAS LINGÜÍSTICAS DE CORTESIA E/OU DESCORTESIA NO TEXTO CONVERSACIONAL: UMA ANÁLISE INICIAL

MARCAS LINGÜÍSTICAS DE CORTESÍA Y / O DESCORTESIA EN EL TEXTO CONVERSACIONAL: UN ANÁLISIS INICIAL

Micheli Halm Chagas¹, Gil Roberto Costa Negreiros²

RESUMO

A cortesia verbal no discurso oral, por se tratar de um ato conversacional, possui uma área de pesquisa ampla, sendo possível identificar as ocorrências desse fenômeno linguístico em interações e diálogos de falantes de uma língua. A partir de estudos sobre a Pragmática e suas considerações no Brasil, chega-se a um conceito de cortesia verbal para delimitar sua ocorrência na oralidade. Com o intuito de entender de que maneira se podem identificar as marcas de cortesia verbal, como as apresentadas por Villaça (2008) e perceber a ocorrência da preservação de faces de Brown e Levinson (1987), o trabalho que segue é baseado nos estudos pragmáticos e realiza de maneira qualitativa uma análise de um diálogo transcrito, apresentando nas considerações finais as ocorrências do fenômeno da cortesia e suas aplicações na imediatez do discurso.

Palavras-chave: Cortesia verbal. Pragmática. Discurso e oralidade.

RESUMEN

La cortesía verbal en el discurso oral, por tratarse de un acto conversacional, posee un área de investigación amplia y se pueden identificar las ocurrencias de ese fenómeno lingüístico en interacciones y diálogos de hablantes de una lengua. A partir de un estudio sobre la Pragmática y sus consideraciones en Brasil, se llega a un concepto de cortesía verbal para delimitar su ocurrencia en la oralidad. Con el fin de entender de qué manera se pueden identificar las marcas de cortesía verbal, como las presentadas por Villaça (2008) y, percibir la ocurrencia de la preservación de faces de Brown y Levinson (1987), el trabajo que sigue se basa en los estudios Pragmáticos y realiza de manera cualitativa un análisis de un diálogo transcrito presentando en las consideraciones finales las ocurrencias del fenómeno de la cortesía y sus aplicaciones en la imediatez del discurso.

Palabras clave: Cortesía verbal. Pragmática. Discurso y oralidad.

¹ Autora.

² Orientador.

1 INTRODUÇÃO

—A cortesia verbal está diretamente ligada ao nosso comportamento social e se dá pela interação entre duas ou mais pessoas, principalmente no ato conversacional. Trata-se, assim, de convenções pré-estabelecidas que atendem a necessidade, entretanto, de um acordo prévio com a finalidade de manter uma boa relação comunicativa.

—Os estudos linguísticos acerca da cortesia dão conta de que a necessidade de se civilizar no período do feudalismo ensejou uma mudança nos padrões de comportamento dos homens. Segundo Leite (2008), “o fenômeno da cortesia como um todo é resultante de acordos sociais historicamente constituídos, que resultam de práticas sociais assumidas como positivas ou negativas” (p.54).

—O interesse pelo tema cortesia verbal no discurso oral, surgiu a partir do desejo de entender de que maneira podemos identificar, em um ato conversacional (e, portanto, imediato), as ocorrências de cortesia e, assim, perceber como o desejo de manter uma boa relação com nosso interlocutor se dá por meio do discurso. Para tanto, apresentamos uma pesquisa descritiva, realizada a partir da leitura de estudos de teorias relacionadas ao tema tratado, como a da preservação da face (BROWN; LEVINSON, 1987) em livros e artigos publicados, a fim de apresentar, qualitativamente, as considerações finais da nossa pesquisa.

—Estudos sobre a Pragmática no Brasil são recentes e o tema cortesia é ainda muito trabalhado na relação professor-aluno em sala de aula, ou ainda, é voltado à demonstração de diferenças linguísticas nas diferenças sociais. Em publicações mais atuais, encontramos uma preocupação em tratar das teorias acerca da cortesia que estudam o bem falar e a questão da descortesia, através da leitura da crônica proposta por Andrade (2016), que traz a análise de textos em periódicos brasileiros que discorrem sobre atos corteses e descorteses.

Neste trabalho pretendemos demonstrar como ocorre a cortesia em um diálogo transcrito, dividindo o texto em cinco partes. Na primeira, tratamos da Pragmática e fazemos um breve relato dos estudos sobre ela. Na segunda, versamos sobre a Pragmática no Brasil, enquanto que na terceira parte entramos nas questões de cortesia e descortesia. Na quarta parte, apresentamos a

metodologia e o *corpus* e, finalmente, na quinta parte, fazemos a análise do *corpus* pela aplicação das teorias estudadas sobre a cortesia e descortesia.

2 A PRAGMÁTICA

Sendo a Linguística a ciência que tem por objeto o estudo da linguagem, seus estudos versam sobre o que diz respeito à língua, as suas variantes e ao discurso. Para isso, existem “ramos” da Linguística, os quais compreendem suas áreas de estudo. Dentre esses ramos, há o que estuda os variados contextos da língua, extrapolando a sua significação, a Pragmática.

O termo “pragmática” é derivado do grego *pragma*, significando coisa, objeto, principalmente no sentido de algo feito ou produzido, sendo que o verbo *pracein*, significa precisamente agir, fazer. Os romanos traduziram *pragma* pelo latim *res*, o termo genérico para coisa, perdendo talvez com isso a conotação do fazer ou agir presente no grego. (MARCONDES, 2000, p. 38).

A definição de “Pragmática” já foi objeto de discussão de vários estudos de diversos autores, filósofos e linguistas, os quais não chegaram, de fato, a uma única definição e centraram suas pesquisas nos objetos que podem ser estudados pela Pragmática, seja em uma vertente filosófica, seja em uma vertente linguística.

Não temos aqui a intenção de buscar uma definição para a Pragmática. Faremos, primeiramente, um apanhado geral de como alguns autores tratam o assunto, principalmente no que diz respeito à Linguística, e, assim, apresentaremos de que maneira a Pragmática se apresenta atualmente, chegando ao nosso objeto de estudo e à análise de *corpus* acerca da cortesia verbal.

Segundo Menegusso (2011), John Austin³ e Paul Grice⁴ foram os precursores dos primeiros trabalhos relacionados à ciência da Pragmática, tendo Austin tratado da capacidade de o homem realizar ações por meio dos atos de fala, enquanto Grice apresentou sua teoria das máximas conversacionais que regem o princípio da

³ Austin (1962, 1ª conferência) parte da distinção entre *constatativos* e *performativos*, isto é, entre o uso de sentenças para descrever fatos e eventos, e sentenças que são usadas para realizar (*to perform*) algo, e não para descrever ou relatar. (FILHO, 2006, p. 224).

⁴ A TEORIA DE Grice leva em conta centralmente o ouvinte e o diálogo realizado, na medida em que propõe recursos para a interpretação pelo ouvinte dos objetivos do falante ao fazer seu proferimento. (FILHO, 2006, p. 226)

cooperação. Tais teorias levaram os estudiosos da língua a pensar e estudar a linguagem, descentralizando o estudo isolado da língua, já apresentado por Saussure.

— Para Pinto (2011), a Pragmática “trata do estudo da linguagem no contexto de seu uso na comunicação, podendo ser assim apontada como a ciência do uso linguístico”(p.47). Logo, por se tratar de uma ciência do uso linguístico, preocupa-se com a fala e sua produção social, ou seja, não se limita às normas escritas da língua, mas tem como foco a relação que se dá entre os signos e os falantes de uma língua, buscando interpretar os significados e as ocorrências que se dão da língua enquanto objeto vivo e independente.

— Ainda que se preocupe com a fala, a Pragmática não se reduz à questão da oralidade, mas considera o sentido das palavras e das frases em contexto, ou seja, busca compreender o contexto linguístico e extralinguístico falado ou escrito. Preocupa-se com quem fala, para quem fala, onde se fala, nas questões escritas e orais, analisando as ações discursivas.

Para Parret (1984):

O modo mais fácil de classificar ‘tipos’ de pragmática é olhar os tipos de contextos que são considerados relevantes para uma descrição e explicação pertinente do discurso e de outras seqüências semióticas (PARRET, 1984, p.1).

Por essa razão, o autor apresenta cinco tipos de contexto, com correspondência em outras orientações pragmáticas, os quais ele distingue em: contexto co-textual, contexto existencial, contexto situacional, contexto acional e contexto psicológico. Após discorrer brevemente sobre cada tipo de contexto, Parret afirma que:

Esta resenha de tipos de contexto pretende introduzir um panorama das orientações mais representativas em pragmática: pragmática do texto (ou linguística do texto onde o assim chamado co-texto serve principalmente de contexto), pragmática lógica (contexto existencial), pragmática orientada sociologicamente (contexto situacional), teoria dos atos de fala (contexto acional), e pragmática orientada psicologicamente (contexto psicológico). (PARRET, 1984, p.5).

Assim sendo, para o autor, “a pragmática é caracterizada essencialmente pela concepção da dependência contextual do sentido discursivo, da racionalidade dependente do contexto e pela orientação da compreensão” (PARRET, 1984, p.8).

Um dos primeiros estudiosos a tratar a ‘diferença’ entre as disciplinas de Pragmática e Semântica foi Morris que, segundo Oliveira (2007), apresenta três ramos independentes do estudo geral dos signos:

Como é senso comum, para Morris, a semiose é uma relação triádica entre intérpretes, signos e *designata*. É em relação a essas três dimensões que Morris define os três ramos do estudo geral dos signos, [...] a sintaxe é o estudo da relação entre os signos, a semântica é o estudo da relação entre signos e seus *designata* e a pragmática é o estudo da relação entre o signo e seus intérpretes. (OLIVEIRA, 2007p.5-6).

Essa relação triádica de Morris é proposta em um momento bem diferente do que temos atualmente nos estudos de linguística e serve, portanto, apenas para demonstrar como se iniciou os estudos relacionados à Pragmática.

A respeito da proximidade entre Semântica e Pragmática, Rossa (2002) traz a seguinte afirmação:

A pragmática surge como uma área disposta a estudar o que a semântica considerava problemático: o uso da linguagem natural e suas imperfeições lógicas. A pragmática propõe-se a estudar os princípios que regem o uso comunicativo da língua, principalmente como encontrado nas conversas e a dar um tratamento complementar à semântica quanto aos fenômenos linguísticos afetados pelo contexto, que essa não consegue explicar claramente (ROSSA, 2002, p.320).

O autor trata das questões de implicaturas como um recurso teórico complementar da Semântica, demonstrando assim que há questões referentes à língua que necessitam ser estudadas pela Pragmática, por não haver, na Semântica, as condições de estudos que abarquem tais questões. Sendo assim, Semântica e Pragmática podem ser estudadas como áreas de linguísticas que se complementam.

2.1 A PRAGMÁTICA NO BRASIL

A linguística, no Brasil, tornou-se disciplina obrigatória nos cursos de Letras no final da década de 1960 e início da década de 1970. A partir de então, a fim de

suprir essa nova demanda, iniciaram-se os estudos voltados para a pesquisa, e não somente para o magistério, pois houve a necessidade de implantação de cursos de pós-graduação sobre o tema, o que não se deu de forma simples e rápida.

Assim, a criação de cursos de pós-graduação vinculadas à área da Linguística trouxe ao cenário acadêmico brasileiro revistas científicas e eventos sobre a área. Essas revistas científicas das universidades brasileiras foram os principais meios de publicação para trabalhos que tratavam de disciplinas e/ou áreas da Linguística no país, por meio de programas e projetos de estudos que levavam ao crescimento da participação de brasileiros em simpósios e eventos.

Os estudos específicos em disciplinas da Linguística se deram pela criação de grupos de especialidades e por interesses mais regionais voltados aos estudos pelos quais esses grupos tinham interesse. A partir dos anos 80, sob o título abrangente de “Linguística”, eram tratadas áreas muito heterogêneas, dentre elas a Pragmática:

A(s) Pragmática(s), Linguística Textual, Análise do Discurso, Análise da Conversação, ainda que tivessem conquistado no decorrer dos anos 80, em algumas Faculdades, autonomia como disciplinas acadêmicas, integraram-se, ao menos institucionalmente, à Linguística-(ALTMAN, 2004, p.284).

A variedade de trabalhos que se enquadram no viés da Pragmática é um dos fatores que contribuem para a dificuldade de se falar em Pragmática no Brasil, pois, ainda hoje, não se vê algo que delimite a disciplina de Pragmática na área da linguística. Por essa razão, Rajagoplan (1999) afirma que parece muito mais sensato falar em “pragmáticas”, no plural.

Na década de 1990, ainda que se percebesse a presença tanto da Semântica quanto da Pragmática, em diversos trabalhos relacionados à Linguística no Brasil, “não há nada que se caracterize ou que se identifique de maneira explícita com semântica ou pragmática” (MARCUSCHI 1996 *apud* RAJAGOPLAN, 1999). Ou seja: as questões referentes a essas duas subáreas da Linguística estavam sendo tratadas ou incluídas em outras subáreas, como a Psicolinguística, por exemplo. Essa questão confunde até mesmo os estudiosos de Linguística, pois, a fronteira entre semântica e pragmática é, de fato, muito pequena, sendo normalmente traçada a partir da ideia de contexto.

Em seu texto, Neto (2012) afirma que:

A Pragmática, portanto, existe e não existe. Tudo vai depender de como o estudo da linguagem (o “frango”) for recortado. Da mesma forma, mesmo que existente em determinados cortes, não precisa ter exatamente os mesmos limites em todos eles: num caso, pode incluir fenômenos que serão excluídos em outros (NETO, 2012, p.2).

Para o autor, que apresenta a Pragmática através do que ele chama de “lição”, como se estivesse realmente ensinando a estudar, os fenômenos linguísticos não são semânticos, sintáticos ou pragmáticos:

Eles podem ser tratados como semânticos em determinadas abordagens e pragmáticos em outras. Considerar que há fenômenos inerentemente pragmáticos é *naturalizar* distinções teóricas (i.e., tratar noções e distinções resultantes de uma abordagem teórica como se pertencessem ao próprio objeto). Classificar fenômenos é como colocar livros na estante: há muitos critérios possíveis e a escolha entre eles depende de nossos objetivos (NETO, 2012, p. 2).

Um dos fenômenos estudados na Pragmática, desenvolvido a partir da noção de face e que se manifesta por atos linguísticos e não linguísticos é o objeto de estudo deste trabalho: cortesia

Durante um diálogo, é possível que o falante nem sempre represente em sua fala o que realmente quer dizer. Sendo assim, um estudo de interpretação (objeto da pragmática) se torna pertinente para que não se faça julgamentos, haja vista que a cortesia é tão antiga quanto as civilizações e seus estudos versam sobre o comportamento na fala de determinados grupos individuais linguístico.

Leite (2008) afirma que “o homem precisou refrear seus instintos para que a sociedade da qual faz parte pudesse alcançar o patamar da civilização.” (p.49). Nesse sentido, entendemos que a cortesia foi e ainda é parte fundamental de uma civilização e, no Brasil, a diversidade de culturas faz com que os estudos relacionados à cortesia venham crescendo e desenvolvendo trabalhos relacionados, principalmente, ao “modo de falar”.

Compreendemos que há expressões internalizadas na nossa língua que se mostram como atos de cortesia, como felicitações, agradecimentos e saudações, por exemplo. Mas a ideia de que o homem é cortês apenas praticando esses atos está longe de ser uma verdade, entendemos por cortesia um código de conduta que

regula o tratamento entre as pessoas e concordamos com Rodríguez (2010) ao afirmar que “la cortesía verbal nace em el campo de los estudios sobre la interacción” (p.10)⁵

2.2 A TEORIA DA CORTESIA E A DESCORTESIA LINGUÍSTICA

— Os falantes de uma língua são regidos por determinadas normas linguísticas que podem ser identificadas durante o ato conversacional. Com isso, pelo fato de, o discurso oral ser mais imediato e ocorrer durante a conversação entre duas ou mais pessoas, (e considerando que há, também, “uma norma” para tal discurso), é comum que haja um leque maior de variações dessa norma, ainda que os falantes se preocupem com o “bem” falar e com os “bons” usos da linguagem.

— A essa ideia do “bem” falar e dos “bons” usos da linguagem, apresentam-se os conceitos de polidez e cortesia verbal. A “cortesia verbal” é inicialmente relacionada a um modo refinado de fala em virtude da existência de uma hierarquia social, ao passo que a polidez, segundo Villaça (2008), estaria mais ligada à formação de registros

Há autores, entretanto, que trabalham com os conceitos de polidez e cortesia sem fazer distinções entre eles, devido à proximidade dos conceitos. Para nós, importa apresentar as formas como os estudos tratam desse campo de estudo da Pragmática, não nos importando diferenciar ou justificar os termos utilizados para dar sentido aos atos de polidez e cortesia. Sendo assim, neste trabalho, assumimos o termo cortesia e apresentaremos um panorama acerca de estudos sobre cortesia e descortesia verbal.

Marco y García (2013) afirmam que “la cortesía es una acción correctora o compensatoria utilizada para reparar los efectos negativos generados por las amenazas a la imagen”⁶(p.13). Logo, podemos relacionar a essa ideia o já referido princípio de preservação de face.

Para Gómez (2008), a cortesia é um dos princípios que regem a dinâmica interacional, sendo uma das principais atividades sociais que colaboram com o êxito

⁵ A cortesia verbal nasce no campo dos estudos sobre a interação.

⁶ A cortesia é uma ação corretiva ou compensatória utilizada para reparar os efeitos negativos gerados pelas ameaças à imagem (tradução nossa).

conversacional. O autor defende que, como atividade social, trata-se de uma relação entre interactantes a fim de estabelecer uma aproximação com o outro, buscando um equilíbrio social, e preocupando-se, assim, com a imagem do falante e do ouvinte.

—A definição de face, inicialmente proposta por Goffman (1967) e posteriormente desenvolvida por Brown e Levinson (1987), dá conta de que, em toda a interação, os interactantes se utilizam de processos por meios dos quais um se representa diante do outro de determinadas maneiras que visam construir uma imagem positiva - quando vistos pelos outros - e outra negativa - que se apresenta em território íntimo no qual não se deve invadir.

Para os autores, trata-se de algo universal, mas sujeito a mudanças nas diferenças que há entre as sociedades:

Central to our model is a highly abstract notion of 'face' which consists of two specific kinds of desires ('face-wants') attributed by interactants to one another: the desire to be un-impeded in one's actions (negative face), and the desire (in some respects) to be approved of (positive face). This is the bare bones of a notion of face which (we argue) is universal, but which in any particular society we would expect to be subject of much cultural elaboration (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 13)⁷.

Considerando que possa haver conflitos de interesses em uma interação, a tendência é de que haja uma preservação de face, seja pelo locutor, seja pelo interlocutor, por ambos, para, assim, preservar a própria imagem pública.

Zamudio (2008) fala da cortesia enquanto fenômeno interno às máximas conversacionais:

La cortesia y por qué no la descortesía verbal son fenómenos de carácter sociopragmático que entran dentro de las máximas de la conversación aunque los fines que persiguen, dentro de la actividad comunicativa, son deferentes porque mientras que con la cortesia verbal se busca mejorar la imagen del interlocutor, con la descortesía ésta se perjudica⁸ (ZAMUDIO, 2008, p.285).

⁷ O conceito de modelo central é uma noção altamente abstrata de "face", que consiste em dois tipos específicos de desejos (querer das faces) atribuídos pelos interativos entre si: o desejo de não ser impedido nas ações de alguém (face negativa), e o desejo (em alguns aspectos) de ser aprovado (face positiva). Este é o nexo de uma noção de face que (argumentamos) é universal, mas que, em qualquer sociedade particular, esperamos ser objeto de muita elaboração cultural. (tradução nossa).

⁸ A cortesia e porque não a descortesia verbal são fenômenos de carácter sociopragmático que abrangem as máximas conversacionais, embora os objetos prosseguidos dentro da atividade

Ao tratar de cortesia e descortesia, o autor afirma que, pelas máximas conversacionais, apresentam-se estratégias de cortesia que servem para evitar um conflito interpessoal, como: generosidade, aprovação, modéstia, acordo e simpatia.

Ao passo que, havendo o conflito, apresenta-se o que se pode ter como descortesia.

A descortesia não se apresenta apenas como a ausência da cortesia. Para Marco y García (2013), “la descortesía comunicativa actúa como desestabilizadora de la relación interpersonal entre los hablantes” (p.23). Há, inclusive, identificação de formas descorteses, como apresenta Barros (2008): “tudo indica ser a provocação a forma de manipulação por excelência dos diálogos descorteses.” (p.91).

Villaça (2008) afirma que “a cortesia pode manifestar-se através de um repertório de marcas linguísticas” (p.33). O autor traz em sua obra alguns recursos linguísticos de manifestação de cortesia utilizados para identificar um ato de fala cortês ou descortês:

- Formas verbais (futuro do pretérito, imperfeito do indicativo e dosubjuntivo etc.)
- Verbos modais: creio/ acho/imagino
- Fórmulas do tipo: Não..., mas... (*disclaimers*)
- Enunciados justificativos ou explicativos
- Perguntas indiretas
- Certos marcadores discursivos, como os introdutores e interruptores de tópico ou marcadores de desvio tópico
- Certos torneios verbais, recuos estratégicos, etc.

Partindo desses recursos que a autora apresenta, da noção de preservação de face proposta por Brown e Levinson e, das estratégias de cortesia apresentadas por Zamúdio, tentaremos realizar, no *corpus* adotado, uma análise a fim de identificar de que maneira se dá a cortesia entre os interlocutores.

Para Barros (2008),

A impolidez e a descortesia pressupõem, em geral, que os comportamentos sociais estabelecidos não foram bem aprendidos pelos descorteses ou

comunicativa sejam respeitosos porque enquanto que com a cortesia verbal se busca melhorar a imagem do interlocutor, com a descortesia essa se prejudica (Tradução nossa).

impolidos, que as regras sociais não foram corretamente cumpridas ou mesmo foram rompidas. (BARROS, 2008, p.93).

Percebemos, assim, que a descortesia também se insere nos estudos acerca dos comportamentos que regem uma sociedade.

Diferenciar atos de cortesia e descortesia durante uma interação social trata-se, pois, de uma atividade muito mais ligada à interpretação do que à aplicação de teorias, pois as marcas de cortesia e descortesia estão intimamente relacionadas. Formas adversativas como “mas” podem ser vistas tanto do âmbito da cortesia quanto da descortesia, razão pela qual, apenas identificar a presença ou ausência de marcas linguísticas no diálogo não garante o sucesso da análise. Sendo assim, nossa proposta versa muito mais sobre a interpretação que se pode fazer a partir de pressupostos do que sobre a apresentação de uma análise fechada, única.

3 METODOLOGIA E CORPUS

O discurso oral, por ser imediato, produz uma interação verbal que pode provocar entre as partes de um diálogo, por exemplo, diversas reações que visam instaurar um equilíbrio mínimo entre as partes, afim de manter e preservar a conversa, sem que haja atritos. Linguisticamente, tratamos como reações as atitudes verbais que minimizam as faces negativas que podem se revelar em uma interação. Dentre essas razões, destacam-se a cortesia verbal ou, ainda, as atitudes que evitam a descortesia.

A nossa pesquisa é de natureza descritiva e, optamos por realizar um estudo qualitativo acerca da ocorrência da cortesia presente em diálogos como uma forma de preservação da imagem que o falante pretende passar de si mesmo para os outros. Trata-se, pois, de um trabalho de cunho pragmático interacional.

Para tanto, o *corpus* adotado é um diálogo entre dois informantes (D2), identificado pelo Projeto de Estudo na Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC-SP) pelo número 333, publicado pela editora T.A. Queiroz/FAPESP no ano de 1987. Os falantes são do sexo feminino, possuem a mesma idade (60 anos) e são, uma escritora e uma jornalista, ambas paulistanas, viúvas e que, neste

caso, discorrem sobre o tema proposto pelo documentador: Cinema, TV, rádio e teatro.

Por se tratar de um diálogo muito extenso, optamos por fazer um recorte com a análise dos primeiros onze minutos e trinta e nove segundos (finalizando o excerto) de conversa entre os interlocutores. O texto completo possui 1217 linhas transcritas, realizadas a partir de uma gravação de 55 minutos e 23 segundos. A opção por fazer uma análise dos primeiros 11 minutos e 39 segundos (ou 252 linhas) se deu em função de não apenas se tratar do início do diálogo, mas também por identificar nesse recorte as condições de cortesia e descortesia necessárias para a análise e exemplificação do tema proposto.

4 MARCAS LINGUÍSTICAS DE CORTESIA E/OU DESCORTESIA NO TEXTO CONVERSACIONAL: UMA ANÁLISE INICIAL

Acreditamos, de acordo com Villaça (2008), que “uma das práticas de linguagem nas quais o uso de formas de cortesia pode aparecer com mais frequência é o debate ou discussão de duas ou mais pessoas sobre um determinado tema” (p.36). Logo, a escolha do *corpus* e seu formato de entrevista nos traz o que precisamos para a realização da análise do tema proposto neste trabalho.

A teoria da cortesia, proposta por Brown e Levinson, como já visto, apoia-se no conceito de face (ou imagem pública). Os autores admitem uma dupla lateralidade para o conceito de imagem pública:

a. negativa – desejo de ter seu próprio espaço social, onde seja possível decidir por si, sem sofrer imposição de outros, enfim: manter seu raio de ação. Quando a cortesia incide sobre essa questão da imagem pública, temos a face negativa

b. positiva – desejo de ser acolhido, aprovado, prestigiado, ter seus anseios e ideais compartilhados pelos demais, enfim: fazer parte do grupo e ser bem visto por ele. Quando a cortesia incide sobre esta questão da imagem pública, temos a face positiva.

A tendência, de acordo com essa teoria, é que o falante ou locutor tente preservar ao máximo a sua face positiva, minimizando ao máximo os conflitos entre

si e o outro. Para tanto, o uso da cortesia se faz necessário para manter a imagem pública dos interlocutores, dado que ser impolido pode exaltar a sua face negativa, ameaçando sua imagem.

Baseados, principalmente, na teoria apresentada, tratamos pois de analisar o *corpus* transcrevendo-o tal qual se apresenta no livro do projeto NURC/SP.

A análise do *corpus* escolhido será realizada da seguinte maneira:

- Destacaremos as falas que identificamos como sendo de descortesia, para o que usaremos do recurso de interpretação textual das marcas linguísticas de cortesia apresentadas por Villaça, que, por vezes, são vistas como marcas de descortesia.
- Apresentaremos a ocorrência descortesia verbal, pelo uso das marcas de cortesia.
- E por fim, aplicaremos a teoria das faces de Brown e Levinson para demonstrar de que maneira identificamos a preocupação em manter a face positiva e como se apresenta a face negativa.

Analisar e identificar os casos de descortesia pressupõe uma interpretação por parte do leitor/analista sobre a interação pois, assim como Rodríguez, acreditamos que “con descortésia se rompe la interacción o se la lleva al enfrentamiento”⁹.

Os dados analisados e, devidamente identificados, foram enumerados no formato (1), (2) [...] facilitando seu reconhecimento na análise e demonstrando de que trecho estamos tratando:

(1) L1 -eu iria esnobar a televisão ... como todo intelectual realmente esnoba
(p. 234. L 10-11)

Percebe-se em (1) que há um rompimento na interação para justificar de forma descortês a fala de L1, pois ao afirmar que “todo intelectual” esnoba a televisão, a locutora faz uma afirmação que pode ofender aos demais intelectuais.

(2) L1 agora voCÊ ... foi dos tempos heroicos ... da mencionada luta
(p.234, L 22-23)

⁹ Com descortesia se rompe a interação ou se leva a entrar em conflito. (tradução nossa).

Em (2) identificamos a descortesia pela entonação que a locutora faz em “você”, além de perceber uma possível soberba e ironia em relação ao momento de glória que sua interlocutora viveu pelo uso da expressão “tempos heroicos”.

(3) L2 ...é o seguinte que eu noto ... que muito paulista fica um pouco chocado ... com o linguajar carioca ... com os esses e os erres carioca ...

L1

(p.235. L32-35)

[
sibilados

No que sugere a descortesia, em (3) falar de paulistas, acerca do linguajar carioca torna-se algo impolido, ou seja: ainda que haja o uso da expressão “eu noto” a afirmação que segue pode ser vista como uma ofensa de qualquer das partes citadas, sejam paulistas ou cariocas. Além da correção de L1 sobre o linguajar ser “sibilado”, tendo aqui o que podemos ver como um enfrentamento.

(4) L2 e ... mas eu noto que agora ... sobretudo na nossa família que nós temos muita preocupação ... da da linguagem simples e da linguagem::... correta

L1

(p. 235, L51-54)

[
exata

— Notamos em (4) uma interpretação muito próxima da que temos em (3), sendo que nesse caso a descortesia se dá pela possível interpretação de que a linguagem simples não é correta, além de haver uma heterocorreção¹⁰ e L1.

(5) L2 que são mesmo um preciosismo inútil né?
(p. 235, L 58)

Em (5) há claramente uma descortesia acerca do assunto tratado pelas interactantes, pois o uso da expressão “inútil” remete ao valor que L2 dá ao linguajar carioca.

(6) L1 ...você reparou? é uma pronúncia absolutamente caipira ...
(p. 238, L 62-63)

¹⁰ Correção Pragmática que ocorre na tentativa de tomar o turno conversacional.

O uso do atenuante “absolutamente” pode vir a remeter, em (6), que há, por parte da locutora, uma recusa quanto à pronúncia do ator que elas estão tratando, podendo ser, assim, interpretado como um ato de descortesia.

Villaça (2008) não só nos apresenta recursos linguísticos de manifestação de cortesia (já apresentados anteriormente), como também afirma que “uma forma de mostrar cortesia verbal é não fazer asserções peremptórias, produzindo um discurso autoritário [...]” (p.34). Nesse contexto, a partir de agora analisamos de que maneira se dá a cortesia verbal no *corpus* analisado.

- (7) L2 uma coisa que eu gostaria de :: ... lembrar a você justamente a respeito de linguagem ...
(p. 234-235, L30-31)

Em (7), o uso do verbo no futuro do pretérito “gostaria” trata-se de um recurso linguístico que marca a cortesia verbal, pois demonstra o desejo da locutora de não se impor diante de sua interlocutora, mas sim de demonstrar seu desejo em manter uma boa relação.

- (8) L1 é:: e agora como o que domina o mercado é a Globo ...
(p. 235, L 59)

Outro recurso linguístico apresentado por Villaça é o marcador temporal “agora”, utilizado em (8), que delimita o espaço-tempo do qual a locutora está tratando, sendo, assim, um ato cortês.

- (9) L1 ...então ... vo/ - - não sei se vocês acompanharam a polêmica em torno de Gabriela...
(p. 236, L75-76)
- (10) ...uma grande atriz que é a Maria Fernanda...
(p 236, L 89)

Em (9) e (10), os recursos utilizados são enunciados justificativos e explicativos, respectivamente. Afim de minimizar alguma recusa por parte de seus comentários, L1, nos exemplos citados, faz uso dos enunciados, destacando, assim a sua cortesia verbal. Ao utilizar, em (9), “não sei se vocês acompanharam”, a locutora se justifica perante algum comentário seu em relação à polêmica mencionada, enquanto que, em (10), ela justifica seu comentário sobre a atriz, elevando seu “*status*” antes de tratar da atriz sob outro viés.

(11) L2 mas isso é um pouco utópico H. você veja outros países por exemplo
(p. 236-237, L 114-115)

Percebe-se em (11) o uso de um recuo estratégico “veja”, seguido da expressão “por exemplo” para amenizar a palavra “utópico”. Valendo-se da cortesia verbal para manter a harmonia do diálogo.

(12) L1 mas olha a propósito da língua da terra jovem e da terra antiga
(p. 239, L 218-219)

O uso da adversativa “mas”, aqui, representa um ato de cortesia, já que há uma tentativa de L1 em manter um foco na conversa, sem que haja uma recusa ou ameaça ao tema proposto.

Em relação à teoria proposta por Brown e Levinson referente às faces positivas e negativas, identificamos de que maneira ela podem ocorrer no diálogo transcrito, lembrando que a cortesia negativa preocupa-se em não inibir a iniciativa do outro, ao passo que a cortesia positiva preocupa-se em promover a estima social do outro.

(13) L1 olha l. ... eu ... como você sabe ...
(p. 234, L 4)

Para preservar a sua face positiva, em (13), L1 utiliza do pronome pessoal “você”, deixando claro para sua interlocutora que sua visão em relação ao outro é de

igualdade. Logo, não tem a intenção de se impor ou de se mostrarsuperior, mantendo, assim, uma relação simétrica com sua interactante.

- (14) L1 ...quando ele me incumbiu disso ... ele pensou ... que ele ia:: ... ficar em face de uma recusa ...
(p. 234, L 6-8)

Em (14), temos uma quebra de expectativa, pois a espera da recusa (que seria um ato de descortesia), acaba não se concretizando. Logo, como ato de cortesia e preservação de sua face positiva, promovendo sua estima social, L1 não se recusa a falar do assunto a que foi incumbida.

- (15) L1 ...nós estamos aqui dando um depoimento sobre esse aspecto da linguagem...
(p. 235, L 65-66)

Ao utilizar a primeira pessoa do plural “nós”, L1 novamente se iguala e se aproxima de sua interlocutora, afim de minimizar qualquer conflito durante o diálogo e, assim, preservar a sua face positiva.

- (16) L1 ... então choca demais ... aquela paulista quatrocentona que ele faz bem griFado ... aliás de uma maneira um pouco ... calcada demais porque esse tipo acho que já se diluiu nem existe mais...
(p. 236, L 97-100)

Nesse trecho do diálogo (16), L1 demonstra a sua face negativa ao afirmar que se choca com a “paulista quatrocentona” (entonando o TOna) que é interpretada. O uso do “aliás” mantém sua face negativa, e a opinião a respeito do tema, de uma maneira geral, deixa claro que a locutora não faz questão alguma de preservar sua face positiva, pelo contrário: deixa transparecer a face negativa a todo esse momento do diálogo.

(17) L2 mas é vo/ voluntária né?

L1 não ... não é voluntária não ... é difícil você repara ...

(p. 238, L 166-167)

Em (17), temos uma quebra de expectativa: ao utilizar o “né?”, a locutora L2 espera que haja uma concordância da sua interlocutora para assim manter sua face positiva, mas L1 utiliza-se da expressão negativa, inclusive repetindo-a, para deliberar uma face negativa, quebrando a expectativa proposta. Quando se utiliza de certos marcadores discursivos de cortesia, o normal é que haja uma preservação de face positiva minimizando conflitos; entretanto, diante de uma quebra de expectativa, temos o conflito e, conseqüentemente, a face negativa se sobressai.

(18) L1 ... eu achei isso muito curioso ... porque me disseram que em vários

lugares do sertão ... nosso se ou/ se ouve ainda eh:: vocábulos ... ahn

...

mais ahn clássicos já em completamente em desuso ... não é?

(p. 240, L 244-248)

Por fim, identificamos em (18) a expressão “me disseram”, em que L1 se exime de ser a responsável pelo comentário que faz a respeito do sertão, preservando sua face positiva, assim como com a utilização do marcador linguístico “não é?”, que busca ter em seu interlocutor uma conformidade com seu relato e manter, assim, a preservação de sua face positiva.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões tratadas neste artigo, podemos reafirmar a importância dos estudos pragmáticos relacionados à interação e à presença das suas concepções nas relações entre sujeitos falantes de uma língua.

Em relação à cortesia e à descortesia verbal, notamos que sua existência perpassa o linguístico e sua importância inicial se dá enquanto pressuposto de civilização. Sendo interessante ressaltar que, linguisticamente, a cortesia se define

como uma forma de manter as boas relações e amenizar conflitos desnecessários entre dois ou mais interlocutores.

Percebemos dificuldades de se estudar cortesia ou descortesia verbal em um texto oral (transcrito), pois trata-se do falar. Sendo assim, as questões de entonação, e de gesticular, importantes para tal análise, são quase imperceptíveis, tornando o estudo mais restrito e a análise como uma possível interpretação. Logo, não podemos ter a certeza de que realmente a intenção do falante se justifica na cortesia; entretanto, a realização do estudo se valoriza justamente pelo fato de se perceber a ocorrência de tais fenômenos linguísticos.

Entendemos que estudar os fenômenos linguísticos que se apresentam para exemplificar a cortesia e descortesia verbal não é o suficiente para um estudo geral do assunto, mas sim um passo inicial para compreender esse fenômeno linguístico, partindo de teorias referenciais que já trataram tais manifestações de cortesia.

De qualquer forma, nosso estudo tem a intenção de apresentar maneiras de identificar no diálogo transcrito marcas que justificam a teoria apresentada acerca do tema proposto. Acreditamos que, da forma como foi apresentada, a análise pode ajudar a compreender como ocorre e como se identifica uma possível cortesia ou descortesia no gênero oral.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, Cristina. **A Pesquisa Linguística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Humanitas, 2004.

ANDRADE, Mariana Santos de. **Cortesia e Descortesia na Linguística Brasileira: esboço de uma crônica**. Cadernos de Pós-Graduação em Letras, v.16, n.1, 2016. p. 31-50

BARROS, D. L. P. de. A provocação no diálogo: estudo da descortesia. In: PRETI, D. (Org.). **Cortesia Verbal**. São Paulo: Humanitas, 2008. p. 89-124.

BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness: Some Universals in Language Use**. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, [1978]1987.

CASTILHO, A. T. de; PRETI, D. (Orgs). **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo**. v. II – Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.

FILHO, Danilo Marcondes de Souza. A Teoria dos Atos de Fala como concepção pragmática de linguagem. **Filosofia**, São Leopoldo-RS, v.7, n. 3, p. 217-230, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/issue/view/155>>. Acesso em: 4 jul. 2017.

GÓMEZ, Antonio Briz. Cortesía, atenuación y partículas discursivas. In: RODRÍGUEZ, C. F.; LARA, E.A.; PEÑA, E.B. (Eds.). **Aproximaciones a la (des) coertsía verbal em español**. Fondo Hispánico de Linguística y Filología. v.3. Peter Lang, 2008. p. 13-26.

LEITE, Marli Quadros. Cortesia e Descortesia: a questão da normatividade. In: PRETI, D. (Org). **Cortesía Verbal**. São Paulo: Humanitas, 2008. p. 49-88.

MARCO, M.A.; GARCÍA, M.J.B. **La cortesía em la comunicación**. Cuadernos de Lenhua Española. Arco/Libros, S.L. 2013.

MARCONDES, Danilo. Desfazendo mitos sobre a pragmática. **Alceu**, Rio de Janeiro, v.1, n. 1, p.38-46, jul./dez. 2000. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n1_Danilo.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2017.

MENEGUSSO, Gustavo. Análise Pragmática de Textos Orais Escritos. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/frederico/images/projetos/textos-academicos/Modelo%20de%20Artigo%20-%20Analise%20Pragmatica%20de%20Textos%20Orais%20e%20Escritos%20-%20Menegusso.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

NETO, José Borges. De que trata a Pragmática? **I Workshop Internacional de Pragmática**. Curitiba. UFPR, ago. 2012. Disponível em: <https://docs.ufpr.br/~borges/publicacoes/para_download/pragmatica.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2017.

OLIVEIRA, R. O. de; BASSO, R. M. A semântica, a pragmática e seus mistérios. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem-ReVEL**. v. 5, n. 8, mar. 2007. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_8_a_semantica_a_pragmatica_e_os_s_eus_misterios.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2017.

PARRET, Herman. Pragmática. Tradução Rodolfo Ilari. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, n.7, p. 39-51. 1984.

PINTO, Joana P. A Pragmática. In: MUSSALIN, F.; BENTES A.C.(Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras 2**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ROSSA, Carlos Ricardo. Implicaturas escolares: a pragmática complementando a semântica. In: IBAÑOS, A.M.T.; SILVEIRA, J.R.C.da(Orgs.). **Na Interface**

Semântica/Pragmática: Programa de pesquisa em lógica e linguagem natural. Porto Alegre: EDIPUCRS,2002.

RAJAGOPLAN, Kanavillil. Os caminhos da pragmática no Brasil. São Paulo:Delta, v. 15, n especial, 1999. p. 323-338.

VILLAÇA, I.G.; BENTES, A.C. Aspectos da cortesia na interação face face. In: PRETI,D. (Org.). **Cortesia Verbal**. São Paulo: Humanitas, 2008.p. 19-48.

ZAMUDIO, S. del R. Cortesía y descortesía em algunos textos de las chirigotas gaditanas. In: RODRÍGUEZ, C. F.; LARA, E.A.; PEÑA,E.B. (Eds.).**Aproximaciones a la (des) coertsía verbal em español**.Fondo Hispánico de Linguística y Filología. v.3. Peter Lang, 2008. p. 281-298.